

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

19 e 21 de Dezembro de 2022

LUZ E SOMBRAS – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA

RETORNO A AZTLÁN / 1990

Um filme de Juan Mora Catlett

Argumento: Juan Mora Catlett / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Toni Kuhn / *Direção artística:* Gabriel Pascal / *Música:* Antonio Zepela / *Montagem:* Jorge Vargas / *Som (stereo):* Ernest Cato Estrada / *Interpretação:* Rafael Cortes (*Ollin*), Rodrigo Puebla (*Moctezuma*), Arnaldo Sumaya (*Tlacaelle*), Socorro Avelar e Soledad Ruiz (*Coatlicues*), José Chávez (*Cauhoate*) e outros.

Produção: Juan Mora Catlett para a Cooperativa José Revueltas, a UNAM e as Producciones Volcán / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original em nahuatl, com legendas em espanhol e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 94 minutos / *Estreia mundial:* Cidade do México, 6 de Novembro de 1990 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nós, as civilizações, sabemos agora que somos mortais.
Paul Valéry (1919)

Retorno a Aztlán foi a primeira longa-metragem de ficção realizada por Juan Mora Catlett (nascido em 1949), depois de estudos de cinema realizados em Praga e de alguns documentários para a televisão mexicana, entre os quais uma curta-metragem sobre o célebre e grande fotógrafo Manuel Álvarez Bravo. Desde então, além de episódios de séries de televisão, Catlett realizou mais três longas de ficção, a mais recente das quais em 2019.

Como tantos filmes latino-americanos sobre o passado, mais precisamente sobre o passado pré-colonial ou sobre o período da chegada dos europeus àquelas regiões onde coexistiam variados graus de civilização, **Retorno a Atzlán** revisita, “reconstitui” e idealiza este passado. Juan Mora Catlett não o faz porém com a leveza e o humor de um Nelson Pereira dos Santos em **Como era Gostoso o Meu Francês** (é verdade que este filme tem algo de uma metáfora política, embora baseado num texto autêntico do século XVI), mas com o tom sério e solene que costuma predominar em qualquer filme sobre aztecas, incas ou maias. Realizado oito anos antes do quingentésimo aniversário da chegada dos europeus ao futuro “Novo Mundo”, o filme é um dos muitos a terem sido feitos nos anos 90 sobre este tema e, por conseguinte, sobre o tema da identidade cultural daqueles países. No caso do México, se a metáfora psicanalítica é aceitável, o ego e o superego do país são certamente bastante hispânicos, ao passo que o seu id retém uma carga pré-colombiana. Num artigo em que analisa cinco filmes hispano-americanos dos anos 90 sobre esta questão um tanto artificial da identidade destes países (indivíduos e coletividades são aquilo que são, não o que imaginam ou gostariam de ser), Aleksandra Jablonska observa que “*as indagações sobre o passado costumam seguir dois caminhos distintos. O primeiro consiste na revisão e na recriação do passado, no deciframento dos seus possíveis significados, que se encontram num processo de constante escrutinação e redefinição. A segunda está estreitamente vinculada à necessidade de representar-se, de construir uma imagem na qual todos os membros do grupo possam reconhecer-se*”. Nesta ótica, o filme de Cattlet é certamente mais próximo do primeiro caminho apontado pela comentadora, o que também implica alguma confusão por parte dos realizadores entre História (um processo em decurso permanente) e arqueologia (reconstituição do que está morto). Um indício disto é o facto do filme começar por um letrero que o contextualiza historicamente no século XV (ou seja, na Idade Média, em termos europeus, tema do ciclo da Cinemateca em que o filme

foi inserido), sinal de que o contexto histórico não seja assim tão familiar e de ser falado em nahuatl, um artifício voluntarista que obriga à presença de legendas em espanhol, pois hoje esta língua é falada por cerca de um milhão e meio dos cento e trinta milhões de mexicanos. No entanto, apesar deste voluntarismo, o filme aparenta solidez histórica. A trama é contada por um conselheiro do falecido rei Moctezuma, a partir das suas lembranças pessoais mas também dos códices em que os mexicas escreviam a sua história. Aleksandra Jablonska nota que *“a presença dos livros em que os mexicas escreveram a sua História é fundamental no filme. Constituem o fio condutor da narrativa, garantem a verossimilhança da recriação fílmica, inspiram a sua iconografia. (...) Deste modo, Retorno a Atzlán aborda um período da História mexica (o reinado de Moctezuma) durante o qual se lê e se rememora a História anterior deste povo, conforme esta foi consignada pelos seus próprios historiadores”*. E como a História sempre foi um compósito de factos e mitos, *“trata-se de uma História mítica e ao mesmo tempo da História oficial reescrita pelo conselheiro de Moctezuma para maior glória do seu povo e do seu governante”*. Num filme situado num passado tão longínquo como o século XV, numa civilização já há muito extinta, a verossimilhança tem pouca importância e até poucas possibilidades de existir. Por isso, apesar de todo o esforço iconográfico na representação dos mexicas e apesar de ser falado em nahuatl, o filme, como qualquer outro deste género, feito em todo e qualquer país desde que o cinema existe, *“recorre à idealização do passado. As instituições dos antigos mexicanos estão claramente amoldadas aos valores que se encontram em alta estima na sociedade atual: o poder se exerce de maneira democrática (Moctezuma toma as suas decisões em grandes conselhos, em que estão representados até mesmo os povos que lhe são submissos). São omitidas, no entanto, imagens que poderiam incomodar o espectador atual: as guerras e sacrifícios humanos são apenas uma longínqua referência. A grandeza e a beleza dos antepassados dos mexicanos são ressaltadas pelas magníficas paisagens, por uma grandiosa arquitetura e refinados objetos de arte, pela grandiloquência dos rituais e a dignidade de homens e mulheres de traços indígenas e que falam nahuatl”*. Neste sentido, o jogo entre impostura e verossimilhança não é muito diferente do de um filme francês situado no século XVII ou de um filme americano situado durante a luta pela independência do país. Trata-se de um filme, *apenas um filme*, como disse famosamente alguém que muito entendia do riscado, não um livro de História.

Os elementos narrativos do filme, como os de tantas narrativas antigas, nas epopeias, consistem num périplo: Ollin, o protagonista deve realizar a mesma viagem que os seus antepassados faziam no passado para prestar homenagem a uma deusa, de modo a que esta envie chuva e ponha fim a uma terrível seca (espécie de maldição divina), para que o seu povo recupere a serenidade e a prosperidade de outros tempos. Ao término do périplo, depois de ter vencido muitos perigos, Ollin será sacrificado, transformando-se inesperadamente numa vítima expiatória. Apesar do oportunismo comercial do tema (mas, afinal, trata-se de cinema), é evidente que o realizador e os seus colaboradores levaram o tema a sério e o esmero formal do filme espelha o aspecto ritualizado dos seus elementos narrativos. A recusa do cinema-espetáculo é total, mas não a da sedução visual e sonora (cores, máscaras, edificações), embora sério o tom nunca é pomposo. Em todos os aspectos da *mise en scène*, o domínio do realizador sobre aquilo que faz é evidente, assim como é evidente que ele sabe o que quer e alcança-o: um elaborado objeto cinematográfico que consegue mostrar *de outra maneira*, um tema abordado muitas vezes no cinema, talvez para criar uma outra convenção.

Antonio Rodrigues